



Revista Mulemba  
e-ISSN: 2176-381X  
v. 15, n. 28, p. 100-115, 2023  
**DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a56662**

Artigos Livres

# As caligrafias de um corpo moçambicano: passeio pelo caderno de memórias coloniais

The calligraphs of a mozambican body: a walk through the colonial memories notebook

El manejo de un cuerpo mozambiqueño: un paseo por el cuaderno de memorias coloniales

**Shayara Lorena Arantes Oliveira** 

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

E-mail: shayaralorena@yahoo.com.br

## Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco  
Vanessa Ribeiro Teixeira

## Editores convidados

Andrea Cristina Muraro  
Gabriel Chagas  
Luciana Brandão Leal  
Marlon Augusto Barbosa

## Autora correspondente

Shayara Lorena Arantes  
Oliveira  
shayaralorena@yahoo.com.br

Recebido: 28/01/2023

Aceito: 11/06/2023

## Como citar:

OLIVEIRA, Shayara Lorena Arantes. As caligrafias de um corpo moçambicano: passeio pelo caderno de memórias coloniais. *Revista Mulemba*, v. 15, n. 28, p. 100-115, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a56662>

## RESUMO

O presente artigo problematiza a relação entre o desenvolvimento da literatura e a construção da identidade moçambicana, vistos a partir da transição de um paradigma colonial para um pós-colonial. Nesse intento, investiga-se por meio do romance *Cadernos de Memórias Coloniais*, como a narradora caligrafa seu corpo feminino na escrita de suas memórias e traumas, se opondo à ordem de escrita colonial e política portuguesa. Busca-se compreender a forma que estas memórias afetivas se inscrevem neste sujeito-mulher e como os signos de sua escrita retornam num processo de elaboração contínua, traçando a relação entre o corpo da narradora, o corpo do pai e o nascer da letra. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica, em especial, artigos científicos atinentes à temática do regime colonial moçambicano e de teorias literárias do período pós-colonial, correlacionando com textos científicos de bases psicanalíticas. Concluiu-se que, ao caligrafar sua escrita enquanto corpo (letra), a partir da morte do pai, fez emergir sua inscrição fora do cânone português colonial.

## Palavras-chave

corpo, letra, literatura, África, colonialismo.



## Abstract

This article discusses the relationship between the development of literature and the construction of Mozambican identity, seen from the transition from a colonial to a post-colonial paradigm. In this attempt, it investigates through the novel *Cadernos de Memórias Coloniais*, how the narrator calls her feminine body in the writing of her memories and traumas, opposing the Portuguese colonial and political writing order. It seeks to understand the way that these affective memories are inscribed in this subject-woman and how the signs of his writing return in a process of continuous elaboration, tracing the relationship between the body of the narrator, the body of the father and the birth of the letter. Using bibliographic research, in particular, scientific articles related to the theme of the Mozambican colonial regime and literary theories of the post-colonial period, correlating with scientific texts with psychoanalytic bases. It was concluded that, by handwriting his writing as a body (letter), after his father's death, his inscription emerged outside the colonial Portuguese canon

## Keywords

body, letter, literature; Africa, colonialism.

## Resumen

Este artículo discute la relación entre el desarrollo de la literatura y la construcción de la identidad mozambiqueña, vista desde la perspectiva de la transición de un paradigma colonial a uno poscolonial. En ese intento, se investiga a través de la novela *Cadernos de Memórias Coloniais*, cómo la narradora caligrafía su cuerpo femenino en la escritura de sus memorias y traumas, oponiéndose al orden de la escritura colonial y de la política portuguesa. Buscamos comprender cómo estos recuerdos afectivos se inscriben en esta mujer-sujeto y cómo los signos de su escritura retornan en un proceso de elaboración continua rastreando la relación entre el cuerpo del narrador, el cuerpo del padre y el nacimiento de la letra. Utilizando la investigación bibliográfica, en particular, artículos científicos relacionados con el tema del régimen colonial mozambiqueño y teorías literarias del período poscolonial, correlacionando con textos científicos de base psicoanalítica. Se concluyó que, al caligrafiar su escritura como un cuerpo (letra), después de la muerte de su padre, su inscripción surgió fuera del canon colonial portugués.

## Palabras-clave

cuerpo, carta, literatura, África, colonialismo.

## Identidade Moçambicana e o papel da literatura em Caderno de Memórias Coloniais

Falar da colonização portuguesa é pensar num tempo que se constitui por uma vagarosa e violenta relação de dominação por parte do poder colonial sobre os povos africanos. Moçambique configurou sua independência no ano de 1975, após a Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO. As investidas portuguesas em terrenos moçambicanos sempre tentaram transformar os colonizados em indivíduos alheios e isentos de história, cultura, identidade e subjetividade.

Desse modo, o que estruturou a ação colonial se caracteriza pela universalidade e superioridade da racionalidade dos povos do ocidente. Os indivíduos não ocidentais que buscam ter acesso às conquistas científicas e técnicas, que o mundo ofereceu, foram obrigados, muitas vezes pela via da violência, a se adaptarem a esse modelo ocidental.

Essa noção da política do colonialismo em relação aos africanos os trataram como povos infra-humanos. Na luta pela afirmação e legitimação da identidade do moçambicano, uma função relevante pode ser dada à literatura. “Como se configurou ela no enfrentamento do embate colonial e posteriormente na construção da Nação moçambicana?” Podemos vislumbrar melhor o papel ininarrável desempenhado pela literatura no período pos-colonial e também na construção da identidade nacional em Moçambique. Pela razão de ser uma literatura firmada na política, se pode compreender a construção desta nação como estado-nação. Porém, é no pós-colonialismo que a literatura vai se fixar na participação, a seu modo, na edificação dos muros da moçambicanidade.

Nestes muros encontramos a figura do colonizado e colonizador. O colonizado é apresentado como um ser indiferenciado, de modo estático, que não se inscreve nem como criatura em trânsito para realização nem como história a ser construída. Ele atravessa o olhar do colonizador sem ter neste, o reconhecimento da sua própria existência. Não há subjetividade quando se trata do processo de colonização envolvendo o ser colonizado. Por isso, estamos diante da imagem especular do europeu que, ao buscar educar e reestruturar o Outro-africano, deixa-se levar pelo desenho da própria imagem.

Essa forma de enxergar o outro se constituiu como o cerne da sustentação filosófica que norteou a ação colonizadora de Portugal nos meados do século XIX e durante o século XX, constituindo também como sustentação ideológica (Lopes, 1998, p. 269-285).

O suporte ideológico trava uma discriminação racial violenta que inscreve no contexto social, a tonalidade do ser negro como um ser inferior e incivilizado. Este segmento da incivilidade e discriminação pode ser visto nos próprios gestos do

colonizado que, ao falar com o branco colonizador, o moçambicano negro curva-se e jamais cresce o tom de voz para além da do seu interlocutor. A discriminação também pode ser reproduzida pelos muros arquitetônicos das cidades separadas em dois elementos de cores: a cidade de alvenaria para os brancos colonizadores, e a cidade de palha, para os negros colonizados (Lopes, 1998, p. 269-285).

A produção da realidade literária nacional em Moçambique tem como referência a língua portuguesa, porém equalizando-a para o que podemos nomear por cultura(s) de Moçambique. Um país que ainda não havia se formado plenamente como nação, mas que estava às bordas dessa formação, através da contribuição da voz da literatura.

A língua portuguesa era compreendida pelos autores como uma entidade viva, em constante transição, e que funcionava como um lugar onde iriam convergir os tantos e outros modos de escrita e fala. Com o advento da guerra, contudo, a grande maioria dos escritores passaram não só a perceber como também a expressar em seu saber-fazer literário, as gigantescas perplexidades sociais e existenciais que atravessavam o humano. Porém, essa feitura ainda lhes era limitada.

Analisando a controvérsia da literatura engajada, o escritor moçambicano José Pastor afirma que a literatura, como fator ativo da vida social é sempre tendenciosa, não no sentido perjurativo, mas no sentido bem claro de que ela não é socialmente indiferente. Defendendo que a literatura não pode determinar o caminho de uma sociedade, admite no entanto que a literatura tem enormes possibilidades de a influenciar, graças aos seus próprios meios de apropriação estética da realidade, da vida (Lopes, 1998, p. 279).

Portanto, o campo literário em Moçambique vai se configurar como um elemento central da identidade cultural do estado-nação, mesmo que se evidencie ser o país muito mais do que isso. Com isso, o cenário político, social e, consoante a estes, o literário, de Moçambique, decorrente da situação colonial, se diferencia da Europa e até mesmo de alguns países colonizados do terceiro mundo. A diferença consiste em que, enquanto nestes, a nação era anterior ao estado-nação, na África é o estado colonial que deu forma aos estados-nação, totalmente sem raízes, vozes e antecedentes.

Num cenário desvantajoso e desencorajoso, a literatura tecida em Moçambique surge tecendo textos sob a referência do olhar do colonizador mas que, ao tecer com sutileza e coragem o texto, tece também com orgulho e profundidade a própria identidade do ser moçambicano. Por meio de uma ação deliberada, os escritores moçambicanos buscam legitimar uma identidade própria. Porém, inscritos num tecido textual e social primordialmente produzido numa tradição literária portuguesa e, em um universo discursivo colonial, gera uma escrita que vai de encontro à essa referência colonizadora e ao mesmo tempo, rompe-se com ela.

Pelo fato das formações culturais serem orais, o percurso da literatura africana somente pôde obter forma através do uso da língua colonial européia. Neste sentido, um questionamento central: não deveria essa língua transformar-se em outras línguas, efeito de sonoridades-outras moçambicanas e portuguesas?

O que emerge de uma nova língua, ainda em travessia, faz e refaz-se, num re-tecer contínuo, pelo qual, o sujeito que escreve surge, reinventando-se a cada novo texto em face à realidade literária e também política que surge. Sob essa égide nasce o romance *Caderno de Memórias Coloniais*, da escritora portuguesa nascida em Moçambique, Isabela Figueiredo<sup>1</sup>, que trata de importantes elementos de ordem social e política em África, mas também traça caminhos no campo subjetivo da narradora e sua escrita e desta com a figura do pai. O entrelaçamento destes personagens mescla, metonimicamente, o entrelaçar entre a memória individual e a memória coletiva nos tempos de (des) colonização. Todavia, antes mesmo de mergulhar na escrita do romance, vale-se ater ao lugar simbólico e social que origina-se um texto submerso ao mundo literário.

Emerge-se, portanto, a noção de dois importantes filósofos: Platão e Aristóteles (1986). O primeiro considera a arte como cópia da cópia, sendo a linguagem apenas a reprodução de um modelo existente. O segundo considera a literatura não como a mera cópia do real, mas uma construção textual aberta ao social. Porém, é preciso encontrar um caminho intermediário em relação ao dualismo entre o que se cola ao referente ou à auto referência (Paulino; Walty, 2005, p. 138-154).

Nessa direção, introduz-se a importância de abandonar a via dicotômica (literatura fala do mundo ou literatura fala da literatura) para um modelo mais aberto, do aproximadamente, visto que, o sujeito desenvolveu sua relação com a linguagem para tentar dar conta de lidar com algo que é da ordem do real e que a linguagem não consegue se apropriar (Compagnon, 1999, p. 97-138).

Portanto, o conceito de real sofreu atravessamentos sociais, antropológicos e psicanalíticos que culminaram em transformações importantes no campo literário. *Cadernos de Memórias Coloniais* também foi tocado por esse atravessamento. A realidade textual não é tão somente aquela ligada ao mimesis (representação) dos personagens fechados no tempo e espaço da narrativa literária. O que ocorre é um

---

<sup>1</sup> Em entrevista concedida à editora Angelus Novus, disponível em: <https://angnovus.wordpress.com/2009/12/03/%C2%ABisto-e-a-serio%C2%BB-uma-conversa-com-isabela-figueiredo-i>. A autora é questionada quanto a sua nacionalidade e, em resposta, Figueiredo responde que se sente “uma portuguesa que nasceu em Moçambique. Sempre fui qualquer coisa em transição, mas uma coisa que precisa ser portuguesa para poder reconhecer-se, encaixar-se e sossegar um bocado”. Portanto, a ênfase presente no texto refere-se à transitoriedade, compreendendo, desse modo, a literatura como espaço em que nacionalidades outras podem ser forjadas ou encenadas pelo corpo de linguagem da narradora de forma fragmentada, transitória, e que não corresponde necessariamente à nacionalidade do sujeito civil Isabela Figueiredo.

processo de enunciação, que traz à realidade do texto, um caráter de transitoriedade, um ato social e subjetivo que envolve tanto o autor, o narrador e o leitor. E isso só é possível pela via da linguagem (Paulino; Walty, 2005, p. 138-154).

Neste sentido, retomamos a cena enunciativa de um texto literário, revelando que há um real a ser contestado, emergindo “um efeito de real” (Barthes, 1988, p. 145-171). Também para Iser, ao se referir à obra e sua realidade, acrescenta a disposição da ficção em se apresentar como aparência de realidade. Pode até ser mesmo que a função da dissimulação seja manter intactos os critérios naturais, para que a ficção seja compreendida como uma realidade que possibilita o esclarecimento de realidades (Iser, 1996, p. 955-987).

Ao distanciar-se da representação direta e fechada do mundo, a enunciação literária abarcada no romance em análise, passa a acolher não apenas a representação em si, mas o próprio discurso como forma de refazer o laço (da narradora com o pai, do pai com a nação portuguesa, da narradora com os moçambicanos) com as vozes do texto, ou seja, vozes estas que constituem a realidade não apenas literária, mas também política, social e subjetiva.

## Caligrafias de um corpo feminino: Memórias e traumas para além do cânone

Quando falamos do relevante papel da literatura na construção identitária de países africanos como Moçambique, podemos extrair o poder de inclusão de outras racionalidades em direção a outro sentido na criação de espaços literários, com especial ênfase para os das literaturas e ideologias latino-americanas quando entendem que, a compreensão do lugar de cada produção estética passa, conjuntamente com outras literaturas, por uma análise sobre o caminho cultural, político e social de uma geração ou uma nação (Mata, 2014, p. 27-42).

Ao se pensar no campo especificamente literário, é preciso se lembrar, antes de qualquer via de rotulação, que o escritor, em especial o moçambicano, é um sujeito que escreve em seu tempo e espaço ficcional correlacionando o seu texto com o tecido social vigente, como é o caso do tempo colonial exercido por Portugal em Moçambique. A partir disso “a literatura é produção social, parte integrante de uma realidade e de uma história nunca neutras” (Polar, 2000, p. 20).

Por isso, atualmente o problema do eurocentrismo está presente nas reflexões pós-coloniais para legitimar a relevância da descolonização no âmbito também teórico. Ele se faz presente também para analisar elementos estéticos de espaços periféricos e marginalizados (a literatura, a arte ou a música, por exemplo), elementos estes que, no primeiro olhar fazem prevalecer a impressão de que a obra literária de excelência seria aquela que não se restringe no local, a “literatura sem chão” (Mata, 2007, p.

30). Porém, ao se colocar na lateralidade do olhar, há que se ver uma literatura fora do domínio da Europa e de suas ranhuras históricas que marcaram, sob a forma de uma entidade, a produção literária de grande parte do conhecimento dos países do Terceiro Mundo.

Por isso, o estudo de outras literaturas e sua inscrição no campo das literaturas mais consumidas é um manejo relevante para romper com a escrita eurocêntrica da entidade canônica, ou seja, “pode constituir um antídoto à eurocentricidade e à miopia cultural das Humanidades” (Ahmad, 2002, p. 78). Nessa direção, vê-se nos dias atuais, estudos literários tanto dos países do ocidente, quanto dos países periféricos, abarcarem a naturalização da hegemonia europeia ao entenderem que a escrita é lugar de fala e a palavra estrangeira se relacionaria com uma forma de enunciação legítima e exemplar (Mata, 2014, p. 27-42).

Disso emerge um processo lastimável e inevitável, de interiorização da subalternidade por parte destes povos. O que se fazia legítimo pela ação e coerção dos europeus se escancarava por meio da própria face do colonizado.

Com efeito, esse grito de auto submissão é nitidamente o exemplo daquilo que se poderia designar como “imperial eyes” (Mary-Louise Pratt) na história das representações dos objetos literários africanos no Brasil ou em qualquer espaço que reproduza as convenções do Ocidente, ou seja, que funcione como sua réplica ideológica. Isto é, olhar a periferia a partir do centro, e julgá-la, com base em percepções políticas e ideológicas condicionadas pelo imaginário estético-literário e manipuladas pelos meios de comunicação social (Mata, 2014, p. 27-42).

Nesse contexto, quando se propõe o cânone literário como imagem determinante de um determinado paradigma, também pode ser este, um lugar onde se caminha para a desconstrução desse mesmo paradigma, através da descolonização não só da escrita enquanto estética e teórica, como também das subjetividades de quem a escreve.

Para tanto, é necessário que se perceba que a nomeação generalizante é de caráter não exclusivo destas literaturas, e, são sempre vistas pelo olhar do império europeu. Com isso provocam rasgos na individualidade dessas literaturas “como subalternizando-se as relações com as outras literaturas africanas” (Mata, 2014, p. 27-42).

Essas aproximações atravessam as representações identitárias de literaturas advindas de diversos países, bem como o diálogo entre elas, como a literatura moçambicana com a zimbabuiana e a cabo-verdeana; como a literatura do Brasil com a de Portugal por exemplo. E como resposta a tais atravessamentos vale lembrar que, “o que pode ser perigoso é criar identidades-refúgio, identidades que nascem da negação de identidades dos outros” (Couto, 2005, p. 89).

Para percorrer as outras literaturas, em especial a moçambicana, enquanto labor literário de busca da diversidade é relevante compreendê-la como parte do campo histórico que nasce da relação do leitor e o social, em direção ao qual se remete a literatura deste estudo. Por este motivo Martine Burgos, escritora que se dedicou ao âmbito da sociologia e análise crítica, diz da importância de “um trabalho de contextualização reforçada que imponha a análise de textos inscritos numa história, uma cultura outra, reenviando aos meandros políticos, ideológicos” (Burgos, 1995, p. 173).

Esta estratégia literária construída de acordo com uma correlação intercultural que busca estudar as individualidades estéticas e subjetividades dos povos de cada cultura através da escrita de obras que representam o real enquanto individual, social e político, permite que se ouçam as vozes que ecoam dos espaços sociais e signos linguísticos em comum, para enfim, fazer do sujeito que lê, um sujeito inscrito na própria realidade do texto, e não fora dela.

É preciso não esquecer que a construção da identidade, mesmo a literária, é o resultado da dialética da tensão entre o mesmo e o outro. Eis porque cada vez mais a literatura comparada se apresenta como o estudo mais adequado para responder às solicitações da ideologia multicultural, que muito tem a ver com a estética do diverso (Mata, 2014, p.27-42).

É por meio do campo do diverso enquanto verdades discursivas outras, e não da representação, que a obra *Cadernos de Memórias Coloniais* é escrito por uma escritora endereçada a ir mais além do cânone, rumo à contextualização de vozes-outras, numa história arranhada por escoriações coloniais, mas que, reinscreve a literatura sob um campo ideológico que transita pelos tempos coloniais à ascensão do pós-colonial da nação e também, convoca ao lugar de transitoriedade da literatura, dentro e fora de Moçambique.

Nesse processo, a obra apresenta a narradora, que, objeto de nosso estudo, faz ressoar em sua escrita, um olhar não tão inocente, mas não menos lúcido, percebido em seu espaço de significações narradas.

Quem, numa manhã qualquer, olhou sem filtro, sem defesa ou ataque, os olhos dos negros, enquanto furavam as paredes cruas dos prédios dos brancos, não esquece esse silêncio, esse frio fervente de ódio e miséria suja, dependência e submissão, sobrevivência e conspiração. Não havia olhos inocentes (Figueiredo, 2018, p. 46).

A narradora vai se constituir como caligrafia de um corpo feminino se opondo à ordem de escrita colonial e política portuguesa, dando voz a milhares que sofreram das mazelas raciais em Moçambique nos tempos do colonialismo. Isso pode ser visto, inicialmente já na escolha de nomear um caderno de memórias como escrita,



e, ao negar fazer referência ao nome romance. É uma memória que se constrói após a colonização, mas que, faz essa mulher branca e africana ocupar um lugar de fala e escrita por meio dos traumas deixados nela.

A personagem narradora re-trata suas vivências a partir de um antepassado silenciado pelo regime colonial e concomitantemente pela figura de seu pai. Dá voz a milhares que sofreram das mazelas raciais, quando “[...] eram da minha terra, mas que não podiam ser como eu. Eram pretos. Era esse o crime” (Figueiredo, 2018, p. 76). Desse modo, sua narrativa cria voz que faz romper com o silenciamento patriarcal que também a dominava e a fazia calar-se.

A criação dessa voz não se dá sem seus efeitos, visto que, vai incidir não só nas experiências da narradora, já mulher, relembando sua história na África, como em sua relação com o pai em tempos infantes.

Ao mirar nas marcas deixadas pelas caligrafias de um corpo que escreve sem cessar, a narrativa acerta no des-velar das memórias de uma narradora ainda menina, permeada por dois corpos, o corpo da narradora e o corpo do pai, sendo este pai um representante do percurso colonial português e, ao mesmo tempo, uma figura significativa nas memórias, afetos e marcas edipianas deixadas na narradora.

*Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo foi publicado inicialmente em 2009, sendo revisitado em sua última edição no ano de 2018. Sendo assim, a obra propõe a cada um que embarca na trajetória narrada, transitar na história do colonialismo português na África, em Moçambique, no período final colonial, através da voz ironicamente ardil da que nos narra e do seu olhar marcado por uma sensibilidade ao coletivo.

A narradora mergulha em posições ambivalentes como nos retrata José Gil em breve prefácio à obra:

[...] herdou logo uma série de cisões particulares: a do amor e do medo do pai, a do apelo da sensualidade do corpo e a sua representação pela educação a que se devia submeter etc. Daqui nasceu muito cedo a condenação do colonialismo em oposição a uma tendência em o desculpar e o redimir (para poder continuar a amar o pai, profundamente racista (Figueiredo, 2018, p. 22).

O corpo que escreve é de uma filha de colonizador que, mais do que experienciar as relações nefastas entre brancos e negros moçambicanos, denunciaria, anos mais tarde, a perversidade dos tempos coloniais, como um ato contra a integridade dos sujeitos, sendo ato, no sentido freudiano, um lugar onde a pulsão impera e a palavra (representação) falha.

Por assim dizer, a narradora está ciente da impossibilidade de apaziguamento e conforto. O que se constrói desde então é um relato memorialístico que mostra, com

olhos avessamente inocentes, a experiência de exploração e racismo de Portugal sobre a nação africana na década de setenta, e ultrapassando, em muito, essa proposta, por acenar para um acerto de contas com a memória do pai.

À medida que se percorre o próprio processo de escrita, podemos compreender um vínculo ambivalente entre ambos, pai e filha, no misto de sentimentos que vão do amargor à doçura, da admiração ao ódio, do respeito ao desprezo, em um descolamento de significantes- no sentido lacaniano- que possibilita reinterpretar o passado somente a partir da ideia de afeto.

E o que é este afeto, senão a capacidade de afetar e ser afetado pelo corpo do Outro? É isto que marca, que atravessa e se inscreve no corpo da narradora, até então apagado pelo corpo do pai, sempre pronto a gozar. Foi-se silenciado margem adiante, pelas águas que escoavam da voz paterna, pois “o tempo silencioso apenas se abstém de produzir ruído” (Figueiredo, 2018, p. 8).

É neste não ruído que se fundam elementos importantes, que, para a psicanálise, em correlação com a literatura, trata-se do Édipo, desde os escritos técnicos de Sigmund Freud aos tempos do Édipo e a inscrição da função paterna, em Jacques Lacan (Lacan, 1986). Como se vê, a menina vivenciou o campo de suas próprias fixações edípicas, sem abrir mão desse pai. Gozava desse lugar colada no corpo paterno. Isso lhe era suficiente, branco para sua alma e apaziguador para seu gozo. Porém, o que ser para além desse pai? Não se lhe era possível. Era um dizer edípico intenso e denso que a submetia (sub-inscrita) à voz e à verdade do pai, e isto pode ser visto no início das lembranças da narradora no texto literário.

Sendo assim, fazia operar a marca da lei, sendo bordeada pela inscrição da função paterna em seu próprio gozo:

[...] pois quando somos novos, acreditamos nesse amor ou nesse ódio porque aquele é o rosto de quem amamos. É o amor e o nosso exemplo. A ele estamos expostos. Não há mais ninguém, estamos entregues às mãos dos que nos criaram e dizem sermos seus. E somos. Mas custa ser de alguém a quem se deve uma fidelidade sem limites, mas não absolvemos na nossa consciência (Figueiredo, 2018, p. 144).

Nesse sentido, o gozar desse imperativo edípico rompe-se, no decorrer da narrativa, a partir da própria relação com o pai, vendo o amor ser revertido em injúria, a contemplação ser revertida em contestação, diante do corpo de um pai que escreve de vermelho sua perversidade racista e de uma filha que se inscreve no tecido textual, de cores negras, sua perplexidade íntegra.

## Do nascer da mulher ao nascer da letra: Contribuições psicanalíticas

Com o passar do tempo há uma nova posição subjetiva da narradora, que escreve para fazer existir um corpo, ao discorrer sobre “[...] quem é que não foi deixando os seus múltiplos corações algures? Eu há muitos anos que o substituí pela aorta” (Figueiredo, 2018, p. 33). Por se valer dessa retificação que marca sua subjetividade, a narradora há que inventar um corpo que é, antes de tudo, marcado por história e luta, solidão e desejo. Assim em uma das epígrafes por ela escolhida, a primeira é de Paul Auster, do livro *Inventar a Solidão*, e diz:

De cada vez que abria uma gaveta o espreitava para dentro de um armário, sentia-me como um intruso, um ladrão devassando os locais secretos da mente de um homem. A todo momento esperava que meu pai entrasse, parasse incrédulo a olhar para mim e me perguntasse que raio é que eu pensava que estava a fazer. Não me parecia justo que ele não pudesse protestar. Eu não tinha o direito de invadir a sua privacidade (Figueiredo, 2018, p. 29).

Este fragmento anuncia um movimento importante que se dá entre o abrir e o fechar gavetas: aí há um intruso, um ladrão que devassa lugares secretos (inconsciente), e este intruso, o corpo, é pensado, em termos lacanianos como uma casa imaginária que faz habitar um sujeito (Lacan, 1998a, p. 96-103). Nos tempos infantes, em *Cadernos de Memórias Coloniais*, revisitados pelas memórias afetivas da narradora já adulta, o que havia era uma casa imaginária habitada pelo gozo do pai, pelos seus ditames como homem e como colonizador.

Ela vivia “à espera que o pai entrasse” (Figueiredo, 2018 p. 29), não podia se descolar dos meandros edípicos que condecoravam amor e ódio nesta relação. O que para a menina branca o que se escutava era “desinteressadamente, o barulho desequilibrado das vozes, e as emoções que continham. Ouvia de longe. Não ouvia. Só o meu pai me interessava” (Figueiredo, 2018, p. 94).

Se por um lado não ouvia barulhos para além da narrativa racista e violenta advinda da fala do pai, por outro lado, existia o corpo da narradora, que ia ganhando forma e texto, uma caligrafia se inscreve, um corpo ressurge marcado pelo campo das pulsões e desilusões moçambicanas. Nesse campo, habita uma menina (já mulher) cheia de gozo e, sobretudo desejo, sendo este a mola propulsora do seu movimento de escrita, uma escrita de desejo, ou seja, que comporta uma falta, uma hiância de sentido na história de Moçambique, bem como a hiância do próprio sentido que completaria seu dizer, curioso dizer, que mais provoca reverberações do que produz respostas. Dizer que se transforma em função de escrita.

Da mesma forma, quando voltamos à memória do pai, como caligrafada na narrativa, seja ela boa ou ruim, podemos nomeá-la como sendo também uma memória do corpo, de sua docilidade, de sua maciez, de seu cheiro, das belas pernas, de como ele “protegia-a com os braços, e aos genitais, se bem que os últimos não me causassem interesse. Quando se deitava de lado, se vestia calções largos e curtos, era possível vislumbrar nesses lugares certas sobras medonhas” (Figueiredo, 2018, p. 162).

Anos mais tarde, a narradora, caminhando pelos restos de gozos que sobraram da relação com o pai e da experiência de exploração racial em Moçambique, rumará ao saber-fazer uso do impossível de nomear vivido para tentar dá sombra ao fantasma do pai, agora não mais como estatuto da lei “desse poder absoluto do meu pai” (Figueiredo, 2018, p. 68), mas como alguém que, pela cadeia significante, também cifra gozo. Isso que pode ser cifrado, só se dá pela via da linguagem, escoamento de ser e de escrita que marca, pela travessia de obra e vida, a ex-sistência da narradora, pois algo insiste e existe para dar voz a um corpo de escrita.

Assim, podemos ver esse encontro com a linguagem a partir do corte, na letra e no corpo escritural da narradora que, por conseguinte alcança a divisão e separação entre o gozo e as vias de escrita passíveis de significação, e, mais, desse modo avança, “[...] esse milagre de ler, essa magia tão rápida no meu cérebro, como se alguém movesse uma varinha à distância ou soletrasse palavras misteriosas, desenfeitiçaram-me” (Figueiredo, 2018, p. 83).

No decorrer da trama, a cada início de significação produzida pela narradora, desde suas experiências vividas na colonização em Maputo, Moçambique, até suas experiências em Lisboa, quando retorna sozinha para morar com sua avó, ela deixa, enquanto sujeito, um traço de escrita, mas também, tanto quanto o que esse traço não alcança, ou seja, “foi quando, comecei a tornar-me a pior inimiga do meu pai. A inimiga lá dentro, calada. Que vê e escuta sem ter pedido autorização, porque está incluída, porque faz parte” (Figueiredo, 2018, p. 84).

É em decorrência disto que, então, reduzido o gozo, sua parte viva continua pulsante e o trajeto de sua satisfação se altera. Algo desse indizível, desse algo intocável ganha uma alteração real, “o meu pai não me arrancou ao que eu era nem ao que pensava; o meu pai não foi capaz de formar o meu pensamento. O meu pai não me dobrou. Escapei-lhe” (Figueiredo, 2018, p. 145).

É nesse instante que, na letra, a narradora mata o pai, para ser o corpo da letra. “[...] nesse momento da partida, vou e venho entre o futuro, que desconheço, e o corpo do meu pai essa partida é um rasgamento. Um parto” (Figueiredo, 2018, p. 179). Ela escreve para tentar dar conta do real, este em que Lacan dimensiona como sendo a parte do nosso psiquismo que está fora de sentido, mas que pode ser apreendido, mesmo sendo através do equívoco, do engano (Lacan, 1998b, p. 238-324).

É por meio dessa memória de caráter fragmentado, e uma história cheia de fraturas, que o nascer da letra se inscreve na narradora, “amei o corpo de carne repetida do meu pai, que confundo com o da terra. Abraço o meu corpo quando não a encontro, nem a ele nela. Eu e este livro estamos cheios de corpo e terra” (Figueiredo, 2018, p. 179). Aqui, há o corpo do pai já morto e o corpo da terra, que vive, que é letra. Isso faz ressoar numa associação com o termo latino original *Litura* (em latim: risco, alteração, mancha e terra). E dessa mancha “[...] não havia forma de poupar o meu corpo às manchas da terra, contudo estava proibida de me manchar dela. Não havia forma de me liberarem dessa necessidade de me manter imaculadamente branca” (Figueiredo, 2018, p. 125).

Ao tratar da escrita da narradora ou daquilo que dela se pode escrever, podemos ver o conceito de letra forjado por Lacan. Ela está entre real e simbólico e pode dar suporte ao que, da intangibilidade do gozo, pode ganhar traçado, litoral. Ela, a letra, vivifica o gozo na escrita. Lacan traz no capítulo “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” o que “designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (Lacan, 1998a, p. 496).

Podemos dizer que, aqui nasce a escritura (escrita psíquica) da narradora para além do cânone. Um registro da linguagem, uma letra que não se lê, que faz atrelá-la ao nível do gozo. Desse modo, diante do gozo, do que não está na linguagem, seguimos adiante, como leitores, os rastros da repetição: “o meu pai”, “o meu pai”, “o meu pai”; buscando uma pista que possibilite abrir novos caminhos.

A partir da função da escrita, debruça-se a sombra do que não se lê, e se abre ao gozo como uma extração da letra, “precisava de uma identidade. De uma *gramática*. Melhor, de poder mostrá-las sem medo. Sou isto, pronto, sou isto, assim, agora, olhem, arranjem-se. Não sabia dizê-lo; tão só senti-lo” (Figueiredo, 2018, p. 125).

A mulher-menina que narra em cadernos sua história faz rasuras nos desenhos da caligrafia paterna para contornar riscos e rabiscos nas caligrafias de seu próprio corpo. A narradora nos leva a um ponto de interrupção na leitura do texto com a passagem à uma escrita peculiar que tangencia o simbólico e o real: o corpo da letra. E sua escrita nada mais implica que a cifração. Nessa lida, leitura e escrita são marcadas pelas vias submersas de um texto sendo elas, as vias do próprio inconsciente, esse corpo de linguagem que faz abrigar e cifrar um sujeito (Lacan, 1998c, p. 496-533).

Assim, a narradora contorna a possibilidade de uma leitura nas entrelinhas das letras, sendo que, se algo está escrito poderá, talvez, ser lido em um processo de escrita. O corpo da letra é caligrafia dessa marca enigmática, e fez com que o sujeito-narradora, pudesse fazer um novo uso dela (marca), rearticulando seu campo de gozo (*savoir-y-faire*). Ao tentar escrever o que não se escreve, a escrita possível é aquela feita de restos, produzida nos avessos da significação.

Em *Cadernos de Memórias Coloniais*, a mensagem ao qual ela, a mulher que escreve produz é tomada pelo avesso da verdade até então contada pela história e, para tanto, ela porta algo da verdade reinterada, visto que, “o recado de que era portadora já me tinha sido repetido inúmeras vezes. Vais contar lá o que nos fizeram. A verdade. Vais dizer” (Figueiredo, 2018, p. 111). Porém, havia algo impossível de ser dito por meio da verdade do branco, e às avessas surge a verdade da narradora, que trai a memória do pai em defesa de uma verdade-outra, a sua e a dos negros em Moçambique, e, sobretudo, ela, já mulher nos diz: “nunca entreguei a mensagem de que fui portadora” (Figueiredo, 2018, p. 132).

É através da narrativa organizada, pluridiscursiva e também enigmática da narradora que sua caligrafia nasce, para ir mais além do que um acerto de contas com a imagem do pai e do passado colonial moçambicano, para então dá contornos à materialidade do corpo morto, como ponto de partida e de chegada, como escreve: “O que dele restou encontra-se arrumado numa gaveta do cemitério do Feijó. Quanto ao resto que lhe pertencia, não consegui arrumá-lo em lugar algum. Não cabia” (Figueiredo, 2018, p. 163).

O corpo, como expressão material do sujeito, ao decompor-se na gaveta do cemitério abre espaço para uma escrita problematizadora, tecitura da letra que aparece como efeito de ficcionalização, como contornos de experiências que trazem à tona, as caligrafias de um corpo colonial e a permanência de seus traumas. Sendo que, para poder dizer do amor que recaiu como resto, nesse corpo, é imprescindível desenhar os seus equívocos, as suas falhas, o real do corpo que inscreve, refazendo, em um acerto de contas, um acervo de contos, que não garante, mas evoca a possibilidade de seguir adiante.

## Referências

AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente**. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARISTÓTELES. Tradução. *In*: ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentários e Apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986. p. 103-148.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. Parte IV, p. 145-171.

BURGOS, Martine. La sociologie de la lecture: médiation, contextualisation et modes de lecture. *In*: VECK, Bernard; VERRIER, Jean (org.). **La littérature des autres: place des littératures étrangères dans l'enseignement des littératures nationales**. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique, 1995. p. 172-177.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Mourão e Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. cap. III, p. 97-138.

COUTO, Mia. **Pensatempos:** textos de opinião. Maputo: Editorial Ndjira, 2005.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de Memórias Coloniais.** São Paulo: Todavia, 2018.

FIGUEIREDO, Isabela. Isto é a sério: uma conversa com Isabela Figueiredo. Entrevista cedida à editora **Angelus Novus**, Coimbra, 3 dez. 2009. Disponível em: <https://angnovus.wordpress.com/2009/12/03/%C2%ABisto-e-a-serio%C2%BB-uma-conversa-com-isabela-figueiredo-i>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. 1 v.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In:* LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In:* LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 238-324.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In:* LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 90-103.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 1:** os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LOPES, José de Souza Miguel. **Literatura moçambicana em língua portuguesa:** na praia do oriente a areia naufraga do ocidente. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 269-285, jan./jun. 1998.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial:** reconversões. Luanda: Nzila, 2007.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocênticas. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan./abr. 2014.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. Leitura literária: enunciação e encenação: Ensaio sobre leitura. *In:* MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia (org.). **Ensaio sobre leitura.** Belo Horizonte: Editora da PUC Minas, 2005. v. 1, p. 138-154.

POLAR, Antônio Cornejo. **O condor coa:** literatura e cultura na América Latina. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

**Shayara Lorena Arantes Oliveira.** Psicóloga, psicanalista. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Puc Minas. Pesquisadora e doutoranda pela Puc Minas com o eixo temático em Literaturas de Língua Portuguesa na linha de pesquisa Percursos da literatura: histórias, críticas, teorias. Especialista em psicologia clínica e saúde mental. Graduada em psicologia pela Puc Minas. Autora da dissertação “E tem espessura de letra: variações sobre a pulsão à escrita em Na casa de julho e agosto e o processo de cura pela escrita”. Experiência em pesquisa e aprofundamento da teoria e prática lacaniana pela Escola Brasileira de Psicanálise e no laboratório de teorias psicanalíticas pela UFMG. Atualmente trabalha na pesquisa e interseção entre a literatura e a psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: escrita, poesia, feminino, psicanálise, criação literária e Maria Gabriela Llansol.